

**Colecção
feita com
desperdício
de cortiça**

Chávenas, bules, pratos para bolos. A corticeira Amorim juntou-se à Matceramica para fazer uma colecção que alia duas matérias-primas tradicionais, promovendo a economia circular: a cortiça usada resulta do desperdício gerado pela indústria das rolhas. A colecção chama-se Alma Gémea.

Guia
ímpar

publico.pt/ímpar

Especialistas: sociedade continua a dar mais credibilidade ao agressor do que à vítima

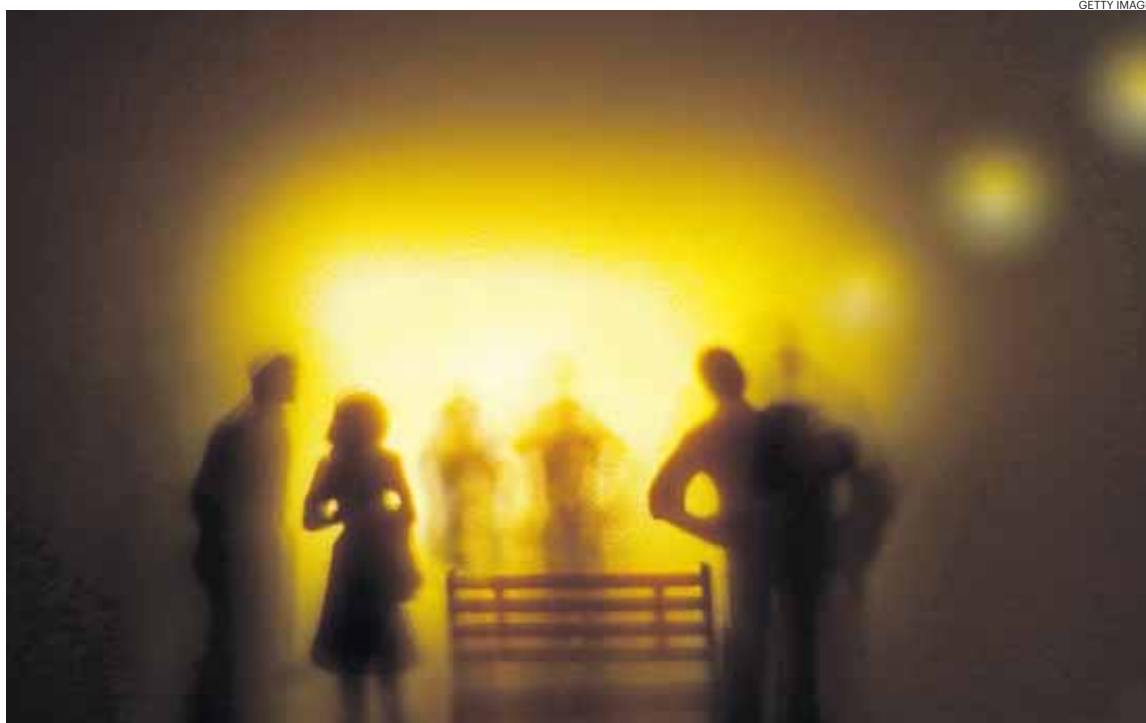
Para o jornalista Nelson Marques e para a investigadora feminista Sílvia Roque, é fundamental reformular a reacção das instituições ao assédio sexual, tratando as vítimas com dignidade

**Bárbara Wong
e Inês Duarte de Freitas**

Quando uma mulher se ri, é porque está a gostar? Uma jovem de Coimbra foi assediada por um condutor de autocarro e expôs nas redes sociais a situação. Nos comentários, centenas de utilizadores afirmavam que não se tratava de assédio, já que a vítima se ria. O infortúnio foi mote para mais uma edição da Conversa Ímpar, que pode ser revista no site do PÚBLICO, que reuniu o jornalista Nelson Marques e a investigadora Sílvia Roque para debater o assédio sexual e a masculinidade tóxica.

Para começar, é importante relembrar o que é o assédio sexual. É o “consentimento” que define a barreira entre o que é ou não assédio, define o jornalista do *Expresso* e autor do livro *Os Homens também Choram*. A partir do momento em que uma das partes se sente desconfortável e expressa esse desconforto, o “não-consentimento” está claro. E esse desconforto pode expressar-se através do riso, avisa a investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Sílvia Roque. “Se a vítima está a rir, é porque tem de arranjar maneira de sobreviver e ultrapassar aquela situação”, justifica. Só a vítima, independentemente de qual for a sua reacção perante o agressor, é que poderá definir o que é assédio. No entanto, salvaguarda: “Qualquer acto que provoca na pessoa que o recebe a ideia de que está a ser humilhada ou ameaçada é, à partida, uma violência”.

Julgar se uma denúncia feita por uma vítima é efectivamente assédio é estar a agredi-la de novo, acreditam os especialistas. “Há sempre um conjunto de pessoas que prefere voltar a incidir a atenção sobre a vítima, escrutinando o seu comportamento, e raramente sobre o agressor”, lamenta Nelson Marques. Na sociedade por-



“Qualquer acto que provoca na pessoa que o recebe a ideia de que está a ser humilhada ou ameaçada é, à partida, uma violência”

Sílvia Roque

Quando não dizemos nada, estamos a acentuar o silenciamento das mulheres

Nelson Marques

tuguesa, defende a investigadora, “é bastante evidente que a credibilidade dada às mulheres não é a mesma que é dada aos homens”.

O assédio existe e os casos que chegam a público deveriam obrigar os homens a reflectir, defende o jornalista. “Os homens, onde eu me incluo, são cúmplices em determinados momentos, por exemplo, quando vemos amigos importunarem mulheres e não dizemos nada. Quando não dizemos nada, estamos a acentuar o silenciamento das mulheres”, afirma, embora salogue que “todos têm direito a um julgamento justo”.

Masculinidade tóxica

“O que é ser um homem?” Foi esta pergunta que levou Nelson Marques a escrever o livro publicado recentemente pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, com o objectivo de que os homens reflectam sobre o seu papel. “Existe um guião que

O assédio obriga a que as mulheres vivam num “estado permanente de insegurança”, diz Sílvia Roque

está gasto e que prejudica também os homens”, refere o jornalista do *Expresso*. E o exemplo mais óbvio é o que dá título ao livro: não é expectável, nem sequer pelas mulheres, que os homens chorem. Há uma expectativa de que os rapazes, desde cedo, reprimam as suas emoções e isso tem consequências, eles morrem mais cedo (sete em cada dez suicídios são de homens) e têm mais comportamentos de risco (da condução a alta velocidade ao consumo de estupefacientes), enumera Nelson Marques.

O machismo tóxico existe e é importante falar sobre ele e combatê-lo, acredita Nelson Marques, para quem essa luta não minoriza a luta das mulheres pela igualdade. A chamada “revolução da masculinidade” não é concorrencial ao feminismo, “é a mesma revolução”, podem andar de mãos dadas. Ao PÚBLICO,

o autor recorda que Tarana Burke, fundadora do movimento norte-americano #MeToo, disse que numa sala cheia de homens, se um homem repetir a sua mensagem, esta é mais bem percebida. Por isso, acredita Nelson Marques, “é importante ter os homens como aliados”.

Mas estarão os homens prontos a prescindir dos privilégios para se tornarem aliados? “Difícilmente cedemos os nossos privilégios assim de forma banal”, acredita Sílvia Roque. Nelson Marques concorda que os homens estão confortáveis com a sua posição, mas exemplifica com o outro lado da moeda: “Um homem ganha assim tanto, se a sua companhia perder?” Para o autor, o que os homens “têm de compreender” é que o machismo tóxico também os prejudica, a eles, e não apenas às mulheres, reforça, dando como exemplo a paternidade: “Um homem menos participativo [na vida da família] é um homem que não se cumprirá tanto, que não será tão feliz.”

Criar mais condições

Para os especialistas, a solução para a cultura patriarcal instalada na sociedade portuguesa passa não só pela educação das crianças, mas sobretudo pelas instituições que “têm constantemente falhado às vítimas”, aponta Sílvia Roque. “O facto de não haver mais queixas demonstra que há receio das vítimas em relação às instituições”, ressalva a investigadora, que exorta a que as queixas de assédio sejam “tomadas de forma séria” e ouvidas “com dignidade”.

É preciso, assim, criar condições para que as vítimas sintam que se podem queixar, idealmente a organismos independentes, e não precisem suportar “todos os custos da sua recuperação e sobrevivência”, propõe Sílvia Roque. No que diz respeito à educação, é crucial que, desde tenra idade, se compreenda o que é o assédio sexual, para evitar que as mulheres continuem a viver “num estado de permanente insegurança”, conclui.